

EGRESSOS DA GRADUAÇÃO

JORNALISMO

Avaliação



Comissão Própria de Avaliação



2006 - 2010



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO – CPA**

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE JORNALISMO

PONTA GROSSA

2011

*A*valiação

é um fenômeno que permite a revelação de todas as nossas concepções. Mais que um processo de natureza técnica e asséptica, é uma atividade imbuída de dimensões pedagógicas, políticas e morais. Pelo modo como se pratica a avaliação, poderíamos chegar às concepções do profissional que a empreende a respeito da sociedade, das instituições de ensino, da aprendizagem e da comunicação interpessoal.

Miguel Angel Santos Guerra (2007)

REITORIA

Reitor

João Carlos Gomes

Vice-reitor

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO

Altair Justino

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

Mary Ângela Teixeira Brandalise

Clícia Bühner Martins

Cláudio Puríssimo

Constantino Ribeiro de Oliveira Junior

Diva Brecailo Abib

Esméria de Lourdes Savelli

Jeremias Borges da Silva

José Trobia

Josiane Cristine Bachmann Madalozzo

Luciane Tessaroli Dezont

Sandra Cogo

Vanessa Sabóia Zappia

Adriano Augusto Pantaleão

Giane Correia Silva

Nicolý Talita Hrycyna Belo

COORDENADOR DE CURSO

Irvana Chemin Branco

MEMBROS DO COLEGIADO

Carlos Alberto de Souza

Cíntia Xavier

Emerson Urizzi Cervi

Hebe Maria Gonçalves de Oliveira

Paulo Rogério de Almeida

SUMÁRIO

1 Apresentação	6
2 Avaliação dos egressos do Curso de Jornalismo	7
2.1 Perfil do Egresso	7
2.1.1 Gênero/Sexo.....	7
2.1.2 Idade.....	8
2.1.3 Ano de conclusão egressos.....	9
2.1.4 Cidade de residência atual	10
2.2 Formação na graduação	11
2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso.....	11
2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional	12
2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho.....	22
2.3 Atuação Profissional	23
2.3.1 Relação área de graduação X área profissional	23
2.3.2 Tipo de exercício profissional	24
2.3.3 Tipo de atuação profissional	25
2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho.....	26
2.4 Qualificação Pós-Graduação	35
2.4.1 Especialização.....	35
2.4.2 Mestrado.....	36
2.4.3 Doutorado.....	36
3 Considerações Finais	36
3.1 Colegiado de Curso	36
3.2 Comissão Própria de Avaliação	37
3.2.1 Parecer da Comissão Própria de Avaliação	38
4 Referências	40

1 Apresentação

A avaliação dos cursos de graduação das instituições de ensino superior atualmente é uma das exigências do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - Sinaes. A avaliação externa, desencadeada nacionalmente através do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade e da Avaliação de Cursos, busca averiguar a qualidade dos cursos de graduação agregando as notas dos estudantes e os insumos da instituição quanto à infraestrutura, aspectos pedagógicos e administrativos, matrículas, regime de trabalho docente, conceitos de curso, entre outros.

Paralelamente à avaliação externa cabe a cada Instituição de ensino superior desencadear os processos de avaliação interna e, é nessa perspectiva que se insere a avaliação dos cursos de graduação realizada pelos egressos do período 2006-2010, desenvolvida na UEPG no primeiro semestre de 2011.

O processo avaliativo foi desenvolvido pela Comissão Própria da Avaliação, em parceria com os coordenadores de curso de graduação, desde a fase de concepção da avaliação, da definição das dimensões a serem avaliadas, da elaboração coletiva do instrumento, da criação do sistema informatizado, da sensibilização e mobilização dos egressos, da participação dos egressos até a fase de organização, análise e divulgação dos resultados.

O instrumento avaliativo construído coletivamente foi composto de 12 questões, sendo 6 (seis) fechadas, 4 (quatro) abertas e 2 (duas) semi-abertas. Os dados oriundos das respostas dadas às questões pelos egressos dos cursos de graduação da UEPG, participantes da pesquisa, foram agrupados nas seguintes categorias ou dimensões neste relatório: a) perfil do egresso; b) formação na graduação; c) atuação profissional e d) qualificação na pós-graduação.

O processo avaliativo realizado envolveu todos os cursos de graduação da UEPG. Dos 6.575 egressos aptos 1.281 responderam todo o questionário, constituindo uma amostra significativa de 19,48%. O desenvolvimento da avaliação dos cursos de graduação na perspectiva dos egressos possibilitou a identificação das potencialidades e fragilidades da formação recebida, a trajetória profissional e a continuidade da qualificação em nível de pós-graduação após a conclusão do curso.

Neste relatório a Comissão Própria de Avaliação registra os resultados da percepção de egressos do curso de **Jornalismo**, na modalidade presencial da UEPG. Espera-se que apesar das limitações inerentes a todo processo avaliativo, a análise dos dados aqui apresentada contribua para uma reflexão crítica da qualidade acadêmica e, ao mesmo tempo, possibilitem o (re)pensar contínuo das ações dos gestores institucionais.

Mary Ângela Teixeira Brandalise
Presidente da Comissão Própria de Avaliação

2 Avaliação dos egressos do Curso de Jornalismo

2.1 Perfil do Egresso

A pesquisa realizada pela UEPG com jornalistas graduados pela universidade nos últimos cinco anos (2006 a 2010) conseguiu respostas de 99 (noventa e nove) dos 143 (cento e quarenta e três) graduados no período, o que significa uma taxa de resposta de mais de 60%, ficando acima dos percentuais desejados para esse tipo de pesquisa. Além disso, o perfil dos respondentes também se aproxima do total de jornalistas graduados pela UEPG, que gira em torno de 2/3 para o sexo feminino e 1/3 para o masculino. A tabela 1 abaixo mostra a distribuição dos respondentes por gênero. Foram 64,6% de respostas de formadas em Jornalismo, para 35,4% de formados no mesmo período.

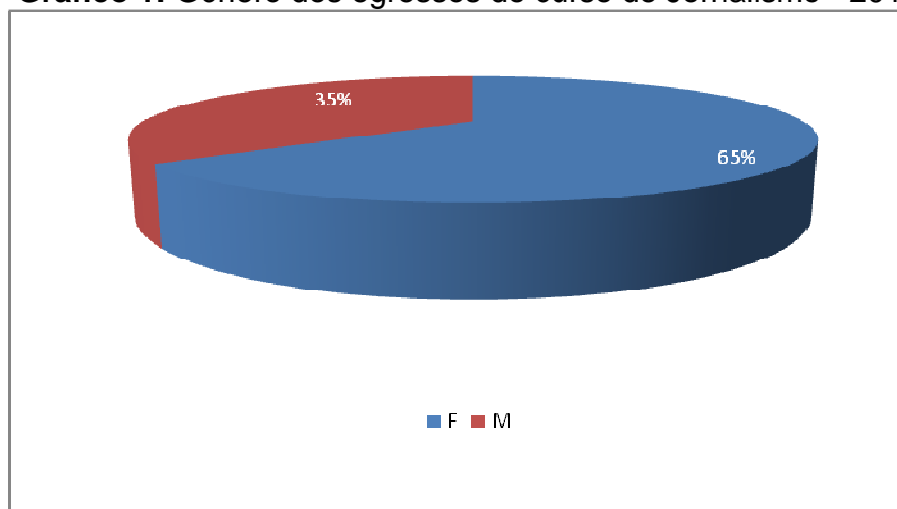
2.1.1 Gênero/Sexo

Tabela 1: Gênero dos egressos do curso de Jornalismo - 2011

GÊNERO	Total
F	64
M	35
Total geral	99

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 1: Gênero dos egressos do curso de Jornalismo - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.1.2 Idade

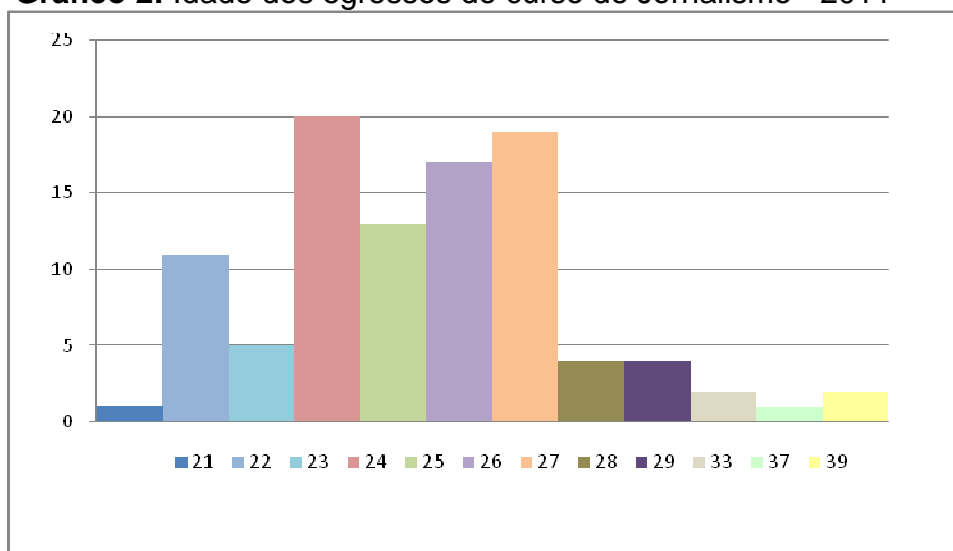
Em relação às idades dos respondentes, a pesquisa demonstra a existência de um perfil bastante jovem dos graduados em Jornalismo. Metade dos respondentes (50,5%) indicou ter até 25 anos no momento da aplicação do questionário. A média de idade dos respondentes é de 25,7 anos, com desvio padrão de 3,1, o que demonstra, além da baixa idade, uma relativa homogeneidade em torno da média.

Tabela 2: Idade dos egressos do curso de Jornalismo - 2011

IDADE	Total
21	1
22	11
23	5
24	20
25	13
26	17
27	19
28	4
29	4
33	2
37	1
39	2
Total geral	99

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 2: Idade dos egressos do curso de Jornalismo - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.1.3 Ano de conclusão egressos

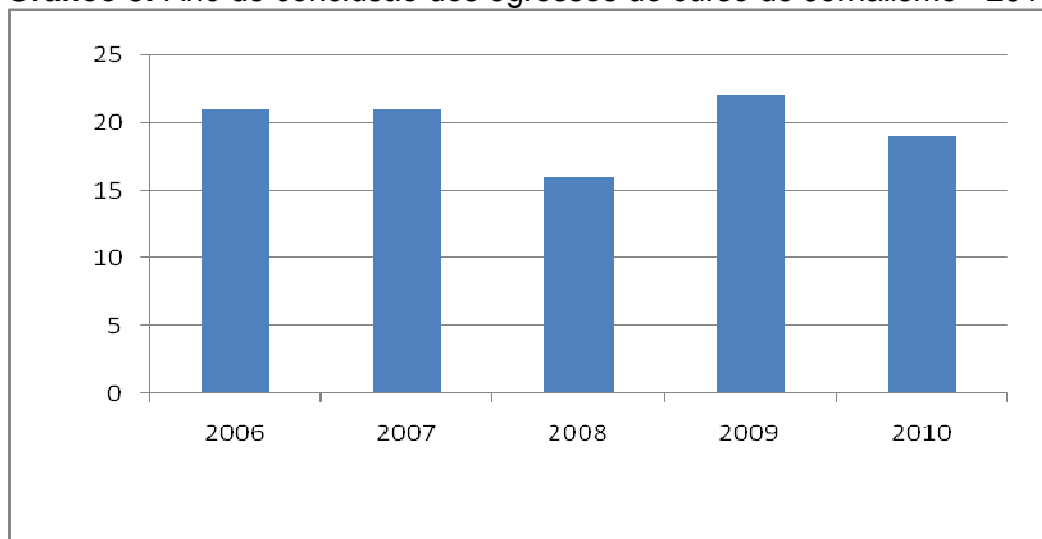
Em relação ao ano de conclusão, as respostas também foram distribuídas de maneira relativamente homogênea no período pesquisado. O ano de conclusão que teve maior percentual de respostas foi 2009, com 22,2% e o que apresentou o menor percentual foi no ano de 2008, com 16,2%, portanto, uma variação de apenas 6 pontos percentuais entre os valores extremos, o que garante a homogeneidade de respostas em todo o período (ver tab. 3).

Tabela 3: Ano de conclusão dos egressos do curso de Jornalismo - 2011

ANO_CONCLUSÃO	Total
2006	21
2007	21
2008	16
2009	22
2010	19
Total geral	99

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 3: Ano de conclusão dos egressos do curso de Jornalismo - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.1.4 Cidade de residência atual

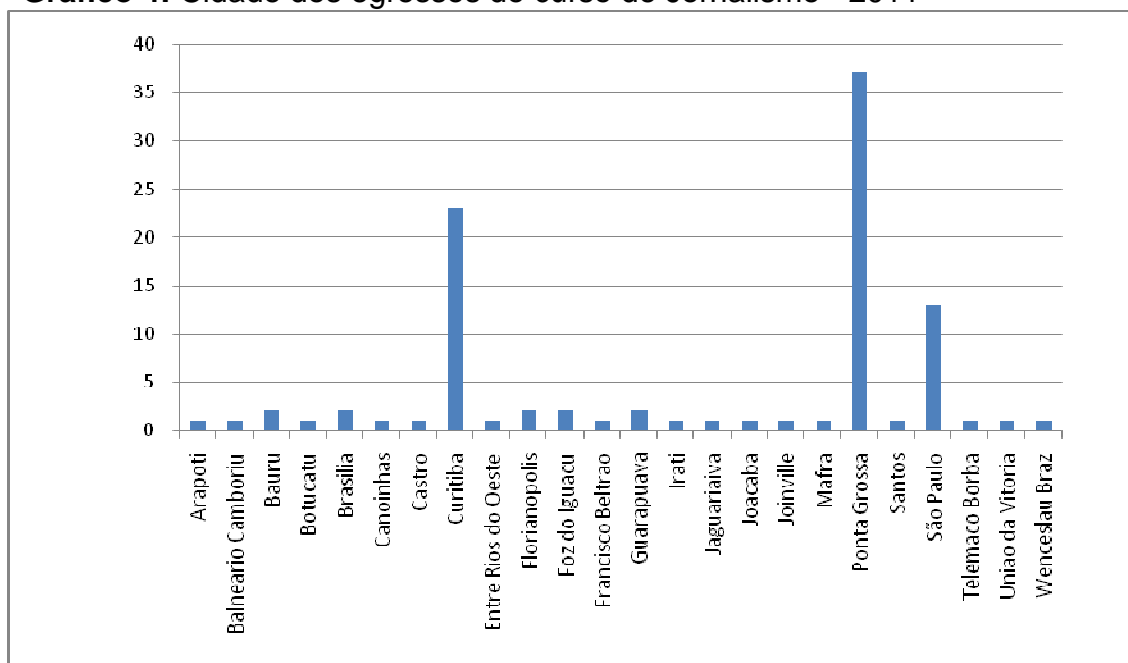
Em relação à localização dos graduados em Jornalismo nos últimos cinco anos percebe-se uma concentração de profissionais no Estado do Paraná, com 73,7% do total. Em segundo lugar vem São Paulo (17,2%) e Santa Catarina (7,1%), dois Estados limítrofes ao Paraná o que indica uma tendência de colocação profissional para o mercado regional a partir do curso de Jornalismo da UEPG. A informação da cidade em que o respondente vive no momento do questionário reforça a tendência de formação profissional regionalizada. A cidade com o maior percentual de respondentes foi Ponta Grossa, com 37,4% do total. Em segundo lugar vem Curitiba, com 23,2%. – juntas, representam 60,6% do total. A terceira colocada é a capital de São Paulo, com 13,1% de respondentes. Depois dela, todas as demais contribuem com percentuais muito baixos.

Tabela 4: Cidade dos egressos do curso de Jornalismo - 2011

CIDADE	Total
Arapoti	1
Balneário Camboriu	1
Bauru	2
Botucatu	1
Brasília	2
Canoinhas	1
Castro	1
Curitiba	23
Entre Rios do Oeste	1
Florianópolis	2
Foz do Iguaçu	2
Francisco Beltrão	1
Guarapuava	2
Irati	1
Jaguariaíva	1
Joaçaba	1
Joinville	1
Mafra	1
Ponta Grossa	37
Santos	1
São Paulo	13
Telêmaco Borba	1
União da Vitória	1
Wenceslau Braz	1
Total geral	99

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 4: Cidade dos egressos do curso de Jornalismo - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.2 Formação na graduação

2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso

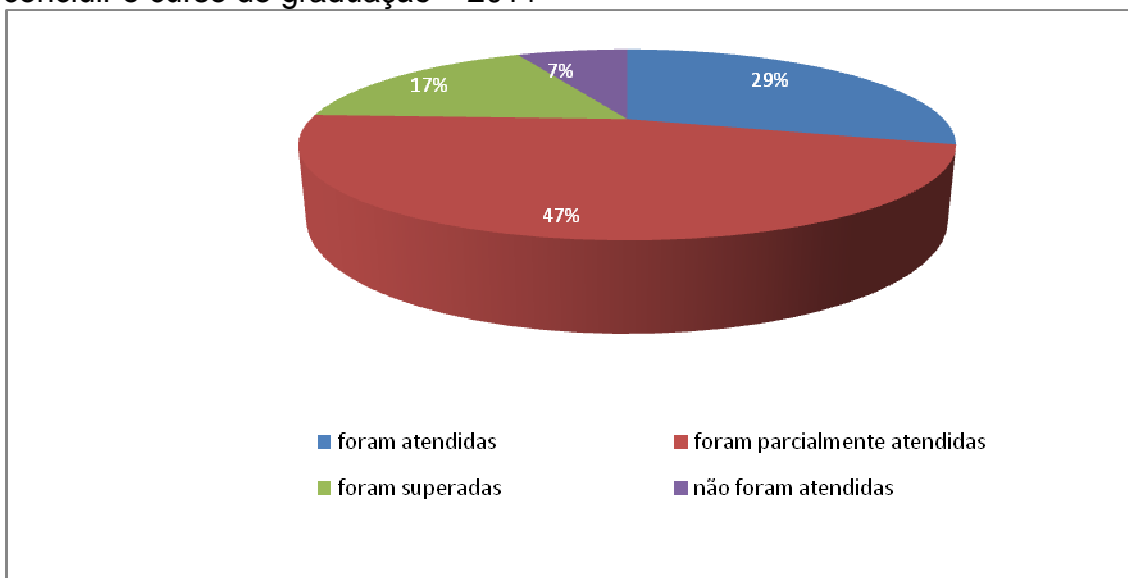
A primeira questão sobre o curso de graduação em Jornalismo da UEPG diz respeito às expectativas dos graduados. O maior percentual de respostas fica em expectativas atendidas parcialmente, com 46,5% do total. Esse é o mesmo percentual da soma entre expectativas superadas, 17,1%, e expectativas atendidas, 29,3%, que juntas chegam a 46,4% do total. Apenas 7,1% consideraram que as expectativas não foram atendidas pelo curso. Quanto à avaliação da qualidade da formação recebida, 70,7% dos respondentes considerou boa. Se somarmos as avaliações positivas (excelente + boa) chega-se a 80,8% do total de respondentes, contra 19,2% de avaliações negativas (regular + ruim).

Tabela 5: A expectativa dos egressos em relação ao curso de Jornalismo ao concluir o curso de graduação - 2011

Opção	(Qt)	(%)
foram atendidas	29	29,29%
foram parcialmente atendidas	46	46,46%
foram superadas	17	17,17%
não foram atendidas	7	7,07%
Total geral	99	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 5: A expectativa dos egressos em relação ao curso de Jornalismo ao concluir o curso de graduação – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional

Entre os pesquisados 12% das respostas apontam que a formação recebida na graduação e aplicação na vida profissional foi excelente.

Os egressos que apontaram o curso como excelente destacam o corpo docente como responsável pela excelência do curso. O embasamento teórico ofertado pelo curso também é citado como importante na formação que os egressos receberam para aplicarem na vida profissional. “E essa prática, mesmo com a falta de ilhas e equipamentos, garantiu o emprego que tenho hoje, e o de muitos colegas”, aponta um dos respondentes. Alguns, mesmo dizendo que o curso é excelente, apontam a necessidade de investimentos em equipamentos para garantir a boa formação.

As respostas que apontam que a formação recebida na graduação em relação a sua aplicabilidade na vida profissional foi boa atingiram 69%.

Para os respondentes que avaliaram a formação recebida como boa, entre os pontos positivos se destacam a formação prática, além dos conteúdos teóricos, bom quadro de professores, além da divisão por especificidades também estão entre os pontos fortes do curso. Alguns egressos destacaram que a formação tem relação direta com a rotina profissional.

Entre os pontos negativos, presentes nas respostas dos egressos que avaliaram o curso como bom estão a falta de equipamentos, a qualidade dos professores colaboradores, a falta de aproximação com a prática profissional, falta de estágio, deficiências da disciplina de assessoria de imprensa. Outro ponto que os egressos observaram como deficitário foi falta de disciplinas voltadas às tecnologias. Por fim, a falta de estágio também teve apontamentos como falhas no curso de graduação.

O índice de 17% foi para as respostas que apontam que a formação recebida na graduação em relação a sua aplicabilidade na vida profissional foi regular. Para os que responderam que a formação foi regular a principal queixa foi o excesso de teoria que o curso oferece. O mercado de trabalho que não oferece muitas oportunidades foi outra crítica apontada pelos egressos. Os respondentes apontaram ainda: falta de didática dos professores; falta de aproximação da realidade; realidade digital deixada de lado; falta de estágio; formação prática insuficiente para o mercado de trabalho atual. Por fim alguns responderam que a prática deixou a desejar.

Apenas 2% das respostas apontam que a formação recebida na graduação em relação a sua aplicabilidade na vida profissional foi ruim.

Dos dois egressos que responderam que a formação recebida foi ruim, um apontou que os professores são completamente alheios à realidade profissional, com falhas de relacionamento. Além disso, questionou a falta de estágio profissional. O outro respondente disse que a realidade da vida profissional é completamente diferente do que a ensinada em sala de aula.

Discurso referente à resposta boa

Apesar de alguns problemas, creio que ela foi boa em diversos aspectos, principalmente no que diz respeito a parte prática. Basicamente, o curso, pelo menos no meu caso, conseguiu me preparar para uma quantidade relativamente grande de tarefas. Acredito que os conteúdos aprendidos nas disciplinas teóricas são de extrema importância para pensarmos o nosso fazer jornalístico dia-a-dia. Como tivemos excelentes professores em boa parte dessas disciplinas, considero minha formação bastante completa. Em 2007, vim para São Paulo, pois fui selecionada para fazer o Curso Abril de Jornalismo, da Editora Abril, e pude equiparar, de certa forma, a minha formação com a de colegas graduados em universidades de todo o país. Com relação às disciplinas práticas, os problemas estruturais até contribuíram para que eu tivesse um jogo de cintura maior para resolver problemas com poucos recursos, mas é evidente que a falta de estrutura adequada e a escassez de equipamentos acabam influenciando negativamente na formação. Outro ponto

importante era a quase ausência de disciplinas relacionadas às novas tecnologias. Hoje, trabalho com internet, e o que aprendi a respeito está muito ancorado à própria prática, ao meu interesse em estudar por outros meios e em cursos paralelos que fiz. Acho que este é um ponto de atenção. As turmas que chegaram um ano depois e que já passaram pelo novo currículo, provavelmente, devem estar mais bem amparadas nesse sentido. É impensável um curso de Comunicação em que não se fale sobre a web e sobre os gadgets que surgem a cada dia e que estão mudando radicalmente o modo como se faz jornalismo em cada uma das mídias. Estive presente em anos conturbados do curso de Jornalismo, cursamos inúmeras disciplinas com professores colaboradores, muitos deles sem pós-graduação. Perdemos também professores excelentes. Entretanto, aprendi muito com o curso, fiz ótimos amigos e, na base da ralação e da paixão, me tornei um bom profissional. Um problema que enfrentamos na época foi com o jornalismo na internet. Pouco discuti, pouco aprendeu sobre isso. Como atualmente trabalho com Jornalismo on-line percebo o abismo que separa a rotina acelerada do que nos foi orientado em sala de aula.

Boa formação, com embasamento teórico a altura do que vai ser necessário para as tomadas de decisões na rotina da profissão. Porém, ainda na parte prática, seria preciso se investir mais em equipamentos. Essa questão é polêmica e muito discutida ainda na sala de aula. É complicado trazer para a rotina acadêmica a realidade do dia-a-dia do mercado de trabalho de uma profissão como o Jornalismo. Nesse caso específico, acredito que a maioria dos alunos sai 'destreinada' para enfrentar o ritmo acelerado dessa atividade.

A divisão dos meios de atuação no jornalismo-impresso, TV, webjornalismo, fotojornalismo, etc., por anos de estudo facilitou a aprendizagem e é um dos pontos fortes do curso. A preocupação dos professores é a formatação de disciplinas que visam melhorar o texto do aluno (redação jornalística I, II, III e IV, redação para TV e redação para rádio) também ajudou bastante. Os projetos extracurriculares são outro destaque do curso. Participei por três anos da minha graduação de projetos que envolviam a reportagem impressa, hoje o campo em que atuo. Para ser ainda melhor, a universidade poderia receber incentivo para realização de programas diários de TV e rádio, que podem ser divulgados por meio de parcerias com emissoras locais. O curso deveria focar mais nas aulas práticas. O curso é bastante teórico, mas creio que quando bem aproveitado, pode oferecer uma boa formação, principalmente com a qualidade dos projetos de pesquisa e extensão coordenados pelos professores. O curso tem este perfil, mas isso não significa que os trabalhos práticos não sejam produzidos, pelo contrário, os que existem são muito bem feitos e envolvem os alunos.

Apesar de não estar atuando na área, com o curso tive um melhor desenvolvimento textual e comunicativo, coisas que aplico hoje na minha vida profissional.

A formação recebida no curso de Comunicação Social-Jornalismo recebida foi excelente. Tivemos matérias que em outros estados do país não tinham ou se tinham era com carga opcional. Um exemplo disso é a Comunicação Comunitária - um dos carros chefes do terceiro ano (juntando web e telejornalismo), nos dando um diferencial dentro do mercado de trabalho. Mas muitas coisas ficaram obsoletas já que a teoria e a prática - na vida profissional - nem sempre se casam, infelizmente. Particularmente, na época senti falta de projetos que tivessem a fotografia como foco principal. Com toda a certeza, pude aplicar os conhecimentos que aprendi na faculdade na minha vida profissional, tanto com as aulas práticas e teóricas quanto com o estágio que fiz. Embora não utilize todas as matérias que aprendi cotidianamente, elas fazem parte do meu repertório intelectual.

A formação pela UEPG tem relação direta com minha rotina profissional. Algumas particularidades do curso estão (ou pelo menos tentam estar) sempre presentes na minha atuação, como a ética, o estudo contínuo e a busca pelo jornalismo de qualidade. As dificuldades que encontrei estão relacionadas com a prática, acredito que, principalmente, por não realizarmos estágio em campo durante os anos de estudo.

Acredito que será essencial, mas no momento não atuo na minha área de formação. Ainda não estou trabalhando na área!

A teoria foi muito bem ministrada, no entanto quando cursei a graduação faltava estrutura para os laboratórios; poucos aparelhos e os que estavam disponíveis, em geral, eram ultrapassados. Logo, a prática foi prejudicada; mas considerando essas dificuldades que vivemos até tornou-se 'fácil' quando fomos para o mercado de trabalho - que dispõe de melhor estrutura e os problemas são outros! Acredito que a formação teórica e sociológica foi excelente, mas a formação prática deixou a desejar para as exigências do mercado de trabalho.

Apesar de eu ter feito até pós-graduação, ainda não consegui emprego na área de minha formação. Atendeu as expectativas.

Nenhuma universidade é capaz de deixar o profissional completamente apto para o mercado de trabalho. Muito do que se aprende nas salas de aula nunca é visto na profissão. O profissional também tende a se adaptar conforme o ambiente de trabalho e a realidade em que está inserido. A graduação ensina técnicas, teorias, diria que 90% da graduação é aproveitável na vida profissional, os outros 10% se trata de material desatualizado que ainda se vê muito nos cursos (principalmente livros). Poderia ter mais prática. Houve muita teoria, que pode ser aplicada na prática. A formação permite que o aluno possa refletir criticamente sobre a profissão e propõe uma excelente visão humanística. Infelizmente peca ao não trazer a realidade cotidiana do jornalismo nas experiências estudantis.

O curso me propiciou uma base boa. No entanto, é preciso 'investir' na parte prática, trazer a realidade do mercado para dentro da sala de aula, despertando no acadêmico inúmeras possibilidades de atuação no ramo da comunicação. Ousar, empreender e estar atento as mudanças constantes.

A graduação apresentou-se satisfatória quanto à formação teórica e discussão da práxis jornalística. Apenas o exercício da prática profissional não pôde ser aplicado com a mesma frequência e grau que se é exigido no mercado de trabalho. No entanto, avalio que o papel da universidade não é - e nem deve ser - a preparação do aluno para o mercado. O desafio está em ser um espaço de reflexão do fazer jornalístico que se apresenta nos grandes meios de comunicação, para assim ter condições de avaliar e propor alternativas para uma atividade mais ética e responsável.

O curso de Jornalismo, na época, priorizou a teoria e os estudos sociológicos. Havia poucas situações práticas. Mas essa me parece ser a característica de qualquer curso superior. Uma alternativa seria colocar sempre nas disciplinas práticas de Jornalismo professores com vivência daquilo que ensinam. Ao mesmo tempo, por mais que discussões teóricas não pareçam ter relação com a prática, auxiliam o aluno a pensar o mundo, ter uma postura ética e crítica. Fundamental, na minha opinião, para trabalhar com Jornalismo. Eu costumo dizer que eu aprendi exatamente o que não deveria fazer. E é por aí. Ao sair do curso de Comunicação Social - Jornalismo sempre atuei na área de assessoria. O curso deu apenas noções de atuação nessa área, sendo mais teórico do que prático.

O curso de Jornalismo é um ótimo curso, mas sua formação está mais voltada à pesquisa. Em termos práticos ficaram muitas lacunas, principalmente a falta de um

estágio que pudesse nos dar uma real noção de mercado, antes mesmo de sair da universidade. Faltaram professores em boa parte do curso. Os laboratórios não tinham equipamentos necessários para as disciplinas práticas. Livros na BU insuficientes. Falta de formação no Jornalismo online. Falta da disciplina Inglês na grade curricular, o que interfere diretamente na profissão. O curso teve suas vantagens também, principalmente na formação teórica e na Iniciação Científica que realizei. Os professores que o curso possuía em seu corpo permanente, em sua maioria, ensinaram bem. A formação humanística e política também deve ser destacada.

Na época em que cursei Jornalismo o laboratório de foto ainda era pequeno e precário. Acho que hoje a estrutura desse laboratório está melhor. Tudo que aprendi durante a faculdade foi utilizado na vida profissional, porém, a parte técnica em edições de vídeos ou design tive dificuldades no momento em que tive que exercê-las profissionalmente. Em termos teóricos, a formação foi excelente, com oportunidades em pesquisa e extensão e professores com bom nível acadêmico. Entretanto, o curso ainda precisaria ser mais bem servido de equipamentos, principalmente na área de vídeo.

Simplesmente praticamente tudo que vi durante a graduação é aplicada na prática profissional. Só não coloco 'Excelente' porque havia dificuldades estruturais no curso, mas a qualidade dos professores superava essa dificuldade. Não foi apenas uma formação profissional, mas também pessoal.

Todas as disciplinas se aplicam bem a vida profissional, acredito apenas que precisaria de mais convivência entre o acadêmico e os meios de comunicação.

Acredito que nem toda a instrução que recebemos é suficiente para o mercado de trabalho. Muitas matérias e projetos preparam o acadêmico mais para seguir na área de pesquisa do que no campo jornalístico propriamente dito. Algumas situações vivenciadas na prática ainda não são discutidas dentro da sala de aula. Talvez seja preciso o envolvimento maior dos profissionais que atuam em sala de aula com as redações, com os espaços de trabalho principalmente da cidade.

Mesmo não atuando na minha área de formação, o conteúdo que recebi durante os anos de universidade me ajuda no campo em que trabalho.

Eu colocaria minha avaliação entre boa e excelente, ou seja, “muito boa”. O ponto forte do curso de Jornalismo na minha época era o corpo docente. Professores gabaritados, experientes, críticos e didáticos. O ponto fraco era justamente a ausência deles no começo dos anos letivos (realizamos greves, passeatas e acampamentos, reivindicando professores concursados).

Em relação à aplicabilidade no Jornalismo diário, creio que as aulas práticas de redação, as noções das diferenças editoriais e o embasamento teórico, crítico e ético foram essenciais para consolidar sólidos pilares de sustentação num meio absolutamente treloucado quanto à redação de um jornal. Ainda mais em jornais pequenos onde nem fotógrafo havia, com o que as aulas de fotojornalismo, mesmo para quem assinava os textos de esporte, policiais, cidades, saúde (e o que mais surgisse, menos o horóscopo), foram fundamentais.

Senti muita falta do lado prático, da noção do cotidiano de um jornal, nos primeiros meses de trabalho - sentia que um estágio teria sido muito necessário. Às vezes se tem a impressão de que certas disciplinas eram desnecessárias, pois na prática jamais seriam empregadas - só a maturidade (que, ao contrário do que se acha com 20 e poucos anos, vem muito mais tarde) para possibilitar o entendimento prático de certos conceitos e teorias. No geral, creio que o curso de Jornalismo da UEPG exigia, na minha época, grande aplicabilidade prática dos ensinamentos teóricos, o que é essencial. E os conceitos teóricos eram ministrados com grande competência.

De modo que eu, como acadêmico, me sentia relativamente seguro e bem preparado para o mercado de trabalho. Só depois descobri que deadline é, sim senhor, um bicho de sete cabeças - e isso eu não aprendi, na prática, durante a faculdade. A UEPG fornece uma boa base teórica e tenta suprimir as faltas da prática, porém, o cotidiano de uma redação (ou mesmo de uma assessoria de comunicação) não nos foi proporcionado, talvez pela ausência de estágio.

Apesar da pouca experiência prática que tivemos no curso, a teoria e os conceitos de jornalismo conhecidos na Universidade foram muito bem aplicados na vida profissional. Grande parte do que foi ensinado pode ser aplicado na vida profissional. Faltaram mais oportunidades de colocar o conhecimento em prática, como por exemplo: uma rádio, TV universitária também.

A formação no curso de Jornalismo da UEPG a meu ver é bastante rica, especialmente no âmbito das disciplinas e debates teóricos desde o primeiro até o quarto ano. Isso tem um reflexo importante na minha trajetória profissional, que se dá na defesa e construção de um outro referente para a comunicação, baseado na responsabilidade social e nos direitos humanos. Um aspecto a ser desenvolvido no curso diz respeito ao âmbito das disciplinas e produções práticas, uma vez que há restrição ao exercício do estágio e ausência de uma política de estímulo à comunicação popular (que garantiria um exercício formativo para além das disciplinas). No entanto, vale destacar as iniciativas que surgiram e/ou se fortaleceram depois que concluí o curso - como o Portal Comunitário, o Crítica de Ponta, o Leite Quente e mais recentemente o Cultura Plural - e que certamente começam a suprir essas lacunas. No entanto percebi grandes diferenças entre o mundo acadêmico de jornalismo e a prática nas empresas, na área de assessoria de comunicação. A base é sempre importante.

A graduação auxiliou para que eu conquistasse meu atual emprego, apesar de não atuar na minha área de formação.

Acredito que o curso poderia ser bem mais prático, e um pouco menos teórico, mais aulas práticas com certeza deixariam o curso mais perto da realidade.

Pode-se fazer duas considerações sobre a característica teórica do curso: a primeira é que temos uma boa base, temos uma carga de conhecimento, de autores e afins, que nos ajuda muito no dia a dia e no crescimento pessoal; a segunda é que a prática é deixada muito de lado. Poucos entram em contato com o Jornalismo diário, o que dificulta no pós-universidade. É preciso que haja algum programa de inserção do acadêmico no mercado de trabalho, que ele possa entrar em contato com o Jornalismo diário, seja lá qual for o veículo.

Eu não tenho críticas à formação recebida, já que houve empenho dos professores no repasse e na cobrança dos conhecimentos ofertados. No entanto, a prática no mercado de trabalho jornalístico sempre exige mais, como é o caso do conhecimento específico em determinada área. O curso de graduação em jornalismo cumpriu o próprio papel ao dar caminhos de onde se pode complementar/buscar este conhecimento. A formação acadêmica do curso é excelente, porém deixa a desejar na parte prática da profissão, principalmente porque não incentiva os estágios. Com relação à formação teórica, não tenho do que reclamar. Entretanto, em alguns momentos senti falta de mais experiência na prática. Acredito que a falta de estágio na grade prejudica os alunos nesse sentido. Principalmente porque concorreremos no mercado com profissionais, em sua grande maioria, que já tiveram experiências de trabalho anteriores. Dei sorte de ter conseguido estagiar na Assessoria da UEPG e isso me ajudou muito. Porém, em outras áreas como tevê e jornal impresso, faltou um 'background'.

Seria melhor sair sabendo alguma coisa do mercado. Faltou apenas mais foco na parte prática, pois o curso como um todo é mais centrado na teoria. Acredito que deve haver um equilíbrio entre os dois campos. Em relação a conteúdos teóricos e fundamentos o curso foi muito bom, diria até que excelente. Mas pecou muito na prática, faltou horas de disciplinas práticas e mais convívio a rotina da profissão. O curso ainda é muito teórico, esperava mais da estrutura e, conseqüentemente, da prática que faz falta nos primeiros meses de profissão.

Não atuo na área da comunicação para avaliar corretamente a aplicabilidade do meu conhecimento.

Tenho a opinião de que o diferencial do curso de Jornalismo está na sua capacidade de desenvolver no estudante a habilidade para organizar logicamente as informações (isso inclui saber onde buscá-las, o que é importante inserir no texto, o que é destaque, etc.) e para compreender os acontecimentos na complexidade das relações dos atores e variáveis. Percebo que os jornalistas de formação têm maior facilidade para esse tipo de atividade, independente da área de atuação. Na minha atividade como analista essa capacidade de leitura abrangente desenvolvida pelo curso contribui significativamente com o trabalho.

Acredito que a minha formação foi boa. A maioria dos professores que tive aulas tinha conhecimento da área e hoje percebo que tentou nos mostrar o caminho da ética e da responsabilidade que devemos ter na nossa profissão. O que já senti falta foi de um pouco mais de conhecimento prático, principalmente no telejornalismo.

Eu cursei entre 2003 e 2006, e algumas disciplinas faltavam em nosso currículo, que hoje está mais completo. E para melhorá-lo, é necessário explorar as tecnologias e a educação, tópicos pouco abordados na minha época.

Muito do que aprendi durante o curso, principalmente as questões práticas de redação, eu uso em meu trabalho. A aplicabilidade do curso de Jornalismo da UEPG na minha vida profissional me ajudou muito. Não sei como são as disciplinas hoje, mas acredito que as disciplinas de Assessoria de Imprensa e Jornalismo e Novas Tecnologias (JINT) deixaram um pouco a desejar quando fiz o curso (2003-2006). A disciplina de Assessoria de Imprensa talvez pudesse ter sido um pouco mais prática, já a disciplina de JINT deveria ter trazido tecnologias mais atuais.

Trabalho com comunicação corporativa - comunicação interna. Durante a graduação quase não vimos assuntos relacionados à comunicação corporativa. No entanto, minha formação teórica foi muito boa e me deu uma ótima base no curso de pós-graduação. Acredito que a única deficiência na formação foi a falta de aplicabilidade prática dos conteúdos que aprendíamos, o que pode ser suprido com projetos de extensão fortalecidos e professores aplicados em construir uma ponte entre a teoria e a prática.

Boa porque o curso ofereceu uma série de riquíssimos instrumentos (tanto teóricos quanto práticos) que permitem ao profissional entrar no mercado de trabalho consciente de seus deveres e de suas responsabilidades. Também pela forma lúcida com que os docentes analisam o cenário da profissão. Não atinge a excelência, creio, pelas limitações quanto à conciliação das atividades acadêmicas com a prática cotidiana do jornalismo (especialmente o diário, que exige além de competências práticas e humanísticas muito bem trabalhadas um grande fôlego do profissional iniciante).

Considero boa porque percebo hoje a importância de cada conteúdo aprendido na faculdade, especialmente em relação ao impresso. Entretanto, vejo o currículo ainda era antigo e deixou de fora algumas questões importantes como a questão de novas tecnologias.

A formação recebida na universidade foi muito proveitosa e bastante aprofundada, porém com pouca atividade prática e de inserção no mercado de trabalho, o que dificulta o recém-formado a ser empregado. No meu entender, o curso de Jornalismo da UEPG prioriza a teoria. Com o curso integral e sem possibilidade de fazer estágio, me senti insegura para começar trabalhar. Parte desta insegurança também se justifica pela estrutura deficitária. Por mais que os laboratórios tenham recebido equipamentos enquanto estava na universidade, acho que a minha turma foi prejudicada. Fomos a 1ª turma com turno integral, mas com a grade velha. Ou seja, em muitas das nossas disciplinas práticas tivemos que dividir os laboratórios com os nossos calouros. Era muita gente para pouco espaço! A formação me fez analisar de forma mais crítica a realidade em que vivo. Fez com que situações, antes passadas despercebidas, agora despertam em mim questionamentos e dúvidas em relação a sociedade e a forma a qual esta é constituída.

Hoje trabalho no segmento de assessoria de imprensa, na área política, mais especificamente junto ao Poder Legislativo estadual. Tive três professores para esta disciplina, tendo concluído os créditos relativos à mesma somente no terceiro ano em que me matriculei, por motivos de ordem pessoal. Na ocasião, fui devidamente orientado por uma docente que - não obstante algumas falhas no âmbito didático - tinha larga experiência como assessora de um deputado federal, em Brasília. Eu segui para o mestrado logo que me formei, então acredito que a formação que eu tive na graduação foi bastante importante para que eu conseguisse entrar na pós-graduação logo de cara. Frente a cursos de graduação de Jornalismo de outras faculdades percebi que a UEPG se destaca na teoria. Recebemos uma formação teórica completa. Porém, a prática ficou um pouco defasada, devido à falta de materiais para realizar as tarefas (como câmeras, filmadoras e ilhas de edição) e pouco tempo disponível para realizar estágios. É isso que faz com que a aplicabilidade na vida profissional dos conhecimentos adquiridos na faculdade não seja excelente. Já que não tivemos muito tempo para estagiar e exercer a nossa profissão antes de sair da graduação, algumas coisas eu estou tendo que aprender na prática.

Discurso referente à resposta excelente

Realmente, perto de profissionais que conheci graduados na faculdade particular da minha cidade, deu para ver que o preciosismo dos mestres quanto ao domínio da técnica jornalística, o bom português e o fomento a uma visão mais humanitária da sociedade fizeram a diferença! Hoje coordeno uma redação em que muitos não sabem fazer um texto jornalístico sem empregar adjetivação ou um nariz de cera.

Acredito que foi excelente porque mesmo as aulas mais teóricas, me deram embasamento para a prática do jornalismo, e para atuar no mercado de trabalho. Um ponto que eu gostaria de destacar, é que percebo no dia-a-dia que a maioria dos estudantes de Jornalismo sai da faculdade sem base em edição de vídeo, e isso tem colocado os jornalistas formados pela UEPG na frente. E essa prática, mesmo com a falta de ilhas e equipamentos, garantiu o emprego que tenho hoje, e o de muitos colegas. Como trabalhei em rádio e TV e agora trabalho em impresso, acredito que a formação foi bastante satisfatória. Se não fosse, eu teria tido mais dificuldades, principalmente com a adaptação a cada meio de comunicação. O curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da UEPG, através de seus professores, didáticas utilizadas, grade de matérias, proporcionou-me uma formação no curso que sempre quis fazer. A graduação em Jornalismo na UEPG trouxe-me a

parte teórica, aliada com aulas práticas, que colaboram para o cotidiano de minha profissão.

Quando realizei a pós-graduação em outra Universidade do Paraná, meu trabalho de conclusão de curso foi elogiado, principalmente a parte teórica e os avaliadores de minha banca mencionaram que por eu ter realizado a graduação na UEPG, aliada ao meu comprometimento com o trabalho, a parte teórica de meu projeto era excelente. Foi elogiado o caminho teórico que o curso de Jornalismo da UEPG segue e alcancei a nota máxima (dez).

Acredito que investimentos em recursos para aulas práticas no curso de Jornalismo da UEPG, melhorando os materiais utilizados pelos alunos, seria uma contribuição que ajudaria ainda mais o desenvolvimento do curso.

Apesar do déficit em relação à estrutura física e de materiais (cinema, fotografia, estrutura de laboratórios, falta de computadores e equipamentos obsoletos à época da formação), a formação humana, sociológica e psicológica com relação às formas de agir e relacionar-se com o mercado e com o mundo da profissão foi absolutamente fantástica e essencial para o meu sucesso na carreira. Especialmente devido aos professores, que incentivaram ao estudo da realidade brasileira e da comunicação, com ênfase na história e na compreensão dos processos mercadológicos, sociais e humanos, observando o mundo de forma dialética e preparando-nos para o inesperado. Excelente, pois me deu base forte para seguir minha profissão de jornalista. O curso de Jornalismo está adequado a realidade profissional. Apenas a falta de equipamentos atualizados é que prejudica um pouco. Toda a formação que obtive ao longo dos quatro anos de curso foram cruciais para o despertar do senso crítico, para a questão de lidar com o aspecto humano da notícia de modo ético e a reconhecer e distinguir nos fatos o interesse público do privado, bem como a aplicar os mecanismos mais eficientes de difusão da notícia. Apesar de algumas dificuldades a dedicação tanto de professores quanto dos alunos faz com que a falta de alguns materiais sejam compensados com desenvolvimento de projetos que proporcionam uma formação de qualidade. Graças a minha formação tanto em sala de aula quanto em pesquisas e extensão já estou inserida no mercado de trabalho.

Discurso referente à resposta regular

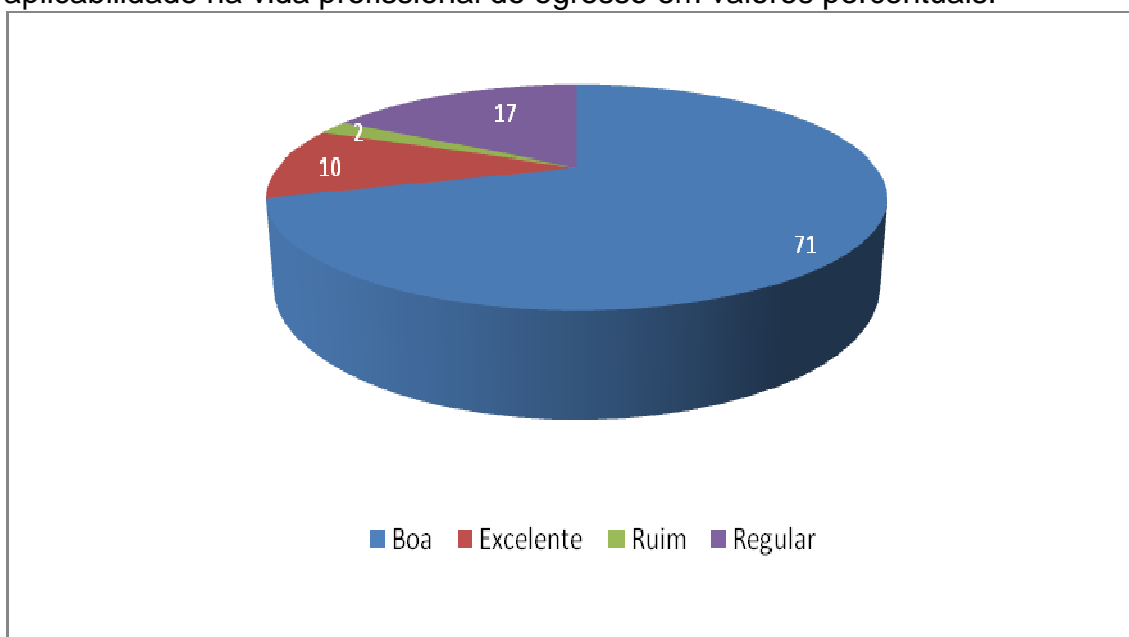
O curso quase que inteiramente teórico não influenciou muito na prática cotidiana do Jornalismo. O curso é focado demais na perspectiva teórica. Ela é importante, mas honestamente desconheço quem tenha suspirado num dia de adolescência pensando em ser pesquisador. Quem faz Jornalismo, em última análise, quer ser jornalista. Essa distorção prejudica a linha geral do curso, marcadamente teórica, e desmobiliza o capital humano de centenas de alunos, com vontade de aprender e fazer coisas interessantes. No mercado de trabalho, posso dizer hoje depois de alguns anos formado, aprendi muito mais da minha profissão - e da própria compreensão do jornalismo e do jornalista no contexto sócio-econômico - do que nos 4 anos de faculdade. Com certo distanciamento, hoje avalio que o curso serviu mais como introdução à profissão. Me graduei, mesmo, no mercado de trabalho, enfrentando dilemas e contingências reais da cotidiano não mais do jornalista, mas do profissional de mídia. Falta à UEPG uma visão mais realista do mercado de trabalho, das suas demandas e, principalmente, dos anseios de seus alunos. Em geral, os professores se preocupam com a produção acadêmica para alargar seus currículos e se esquecem do real interesse da maioria dos alunos. O campo de

trabalho não oferece muitas oportunidades. Acredito que faltou um pouco de prática, necessária no mercado de trabalho. Poderia ser melhor. Alguns professores não possuem o mínimo de didática. Outros não têm comprometimento com suas obrigações enquanto professores. O curso falha ao passar para o aluno a realidade da vida profissional de um jornalista no Brasil e, especialmente, na região. Recebemos grande carga de informação sociológica, antropológica e, até, filosófica, que, em minha opinião, o mercado de trabalho parece não ter interesse algum. Como estou no meu primeiro emprego, como Assessora de Comunicação da Câmara Municipal de Castro, só posso responder pela aplicabilidade da formação que recebi através dele. Portanto, percebo no meu dia-a-dia, que a minha formação na área de assessoria foi rasa e não me preparou suficientemente bem para o que vivencio hoje e, apesar de saber que na maioria das profissões se aprende mesmo no mercado de trabalho e na prática, tenho a certeza que o embasamento acadêmico nesta área poderia ter sido melhor. Baixa aplicação ao que exige o mercado de trabalho. Poderia ser trabalhado durante a graduação um pouco mais a prática do que a parte teórica. Não que eu julgue a teoria menos importante, mas, a prática deixou a desejar. O conteúdo aplicado na sala de aula é muito diferente da realidade e pouco se aplica no dia-a-dia da profissão, embora o aprendizado seja válido falta a proximidade com a prática da profissão. Minha formação foi bastante teórica. Ela teria mais aplicabilidade se eu tivesse seguido a carreira acadêmica. Acho que se os professores tivessem prática na teoria que aplicam, a visão do jornalismo seria mais realista. Sem contar o boom do mundo digital, que em minha formação foi totalmente menosprezado pelo professor. Eu tive uma resposta teórica muito boa, em relação ao jornalismo. Tive a oportunidade de participar de pesquisas, que me deram um conhecimento acadêmico excelente. Infelizmente, sobre a prática da atividade (e acredito que isso seja igual para outras áreas), eu não tinha noção nenhuma de como seria. Entrevistar outrem se aprende entrevistando. Tudo isso para dizer que acredito que a questão do estágio deveria ser obrigatória pelo período mínimo de seis meses. Eu acredito que a formação recebida não é suficiente para entrar no mercado de trabalho de forma efetiva. Muitas coisas que aprendi e também alguns equipamentos e programas que utilizávamos na universidade já nem são mais utilizadas no mercado de trabalho. A base é muito teórica e não nos dá bagagem para sermos inseridos no mercado de trabalho. O curso visa formar professores de comunicação e não jornalistas de mercado. Muitas questões sindicalistas são vistas como mais importantes pelos docentes do que os conteúdos que utilizaremos na profissão. A maioria dos professores incita os alunos para que se tornem críticos da profissão e não para exercerem a profissão em si. Os conteúdos teóricos foram mais enfatizados do que os práticos, devido a: falta de instrumental e equipamentos necessários à prática e pouca experiência dos professores no mercado de trabalho. Existiu sempre um fosso bastante grande em relação aos conteúdos visto em sala, em especial nas aulas práticas, e o que se fazia no mercado de trabalho Acredito que faltaram horas de estágio o que acabou dificultando um pouco a entrada no mercado de trabalho. Acho que a prática do jornalismo em suas variadas áreas deveria ter mais espaço no curso. Muitas vezes o ensino ficou baseado somente na teoria e quando havia a oportunidade prática, ela era superficial, não preparando adequadamente para o mercado de trabalho.

Discurso referente à resposta ruim

Pouca prática, professores completamente alheios a realidade profissional além de indiferentes e/ou com falhas na capacidade de relacionamento, ausência total de um programa de estágio de qualquer espécie. A realidade no mercado de trabalho é totalmente diferente da que é ensinada em sala de aula. Não se compara.

Gráfico 6: Avaliação da formação recebida na graduação em relação à aplicabilidade na vida profissional do egresso em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

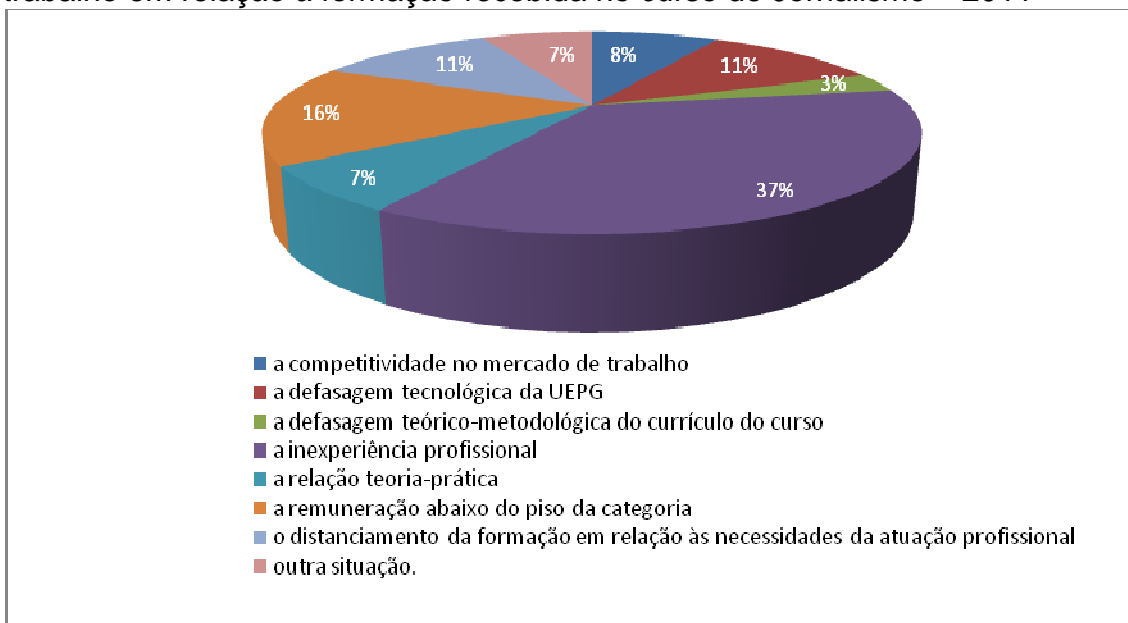
2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho

Tabela 6: A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Jornalismo - 2011

Opção	(Qt)	(%)
a competitividade no mercado de trabalho	8	8,08%
a defasagem tecnológica da UEPG	11	11,11%
a defasagem teórico-metodológica do currículo do curso	3	3,03%
a inexperiência profissional	36	36,36%
a relação teoria-prática	7	7,07%
a remuneração abaixo do piso da categoria	16	16,16%
o distanciamento da formação em relação à atuação profissional	11	11,11%
outra situação.	7	7,07%
Total geral	99	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 7: A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho em relação à formação recebida no curso de Jornalismo – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.3 Atuação Profissional

2.3.1 Relação área de graduação X área profissional

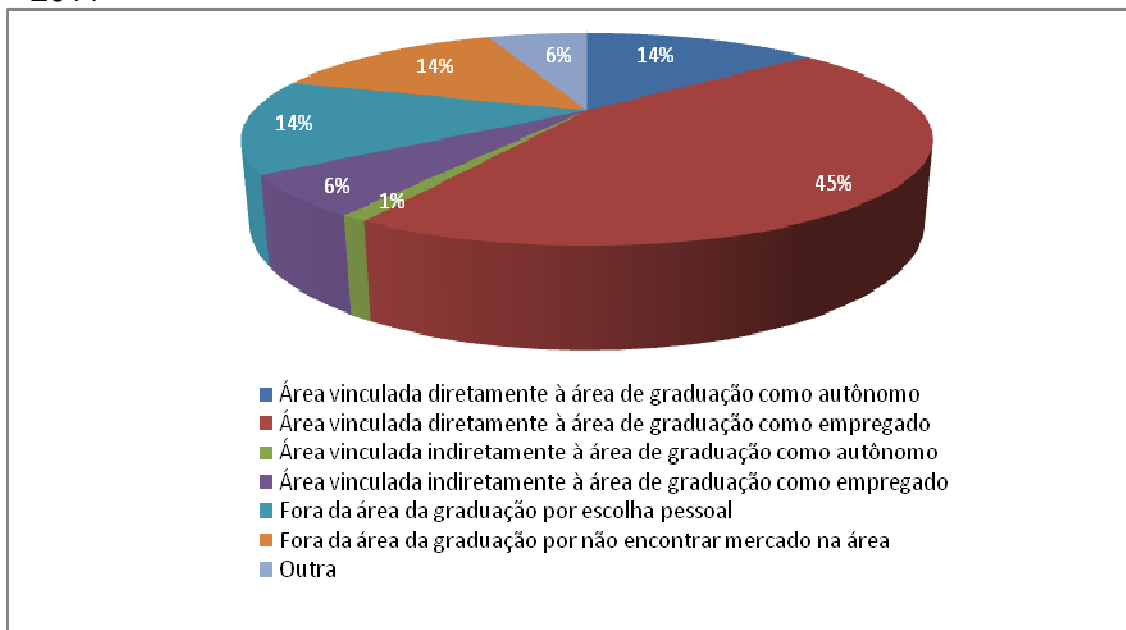
Quanto à área de atuação no momento, 44,4% dos respondentes diz estar trabalhando diretamente na área de Jornalismo, como empregado em empresa de comunicação. Trabalhando também na área, porém, como autônomo, há 14,14%. Juntos, representam 58,5% do total que está atuando diretamente na área de formação. Os que estão atuando profissionalmente em outras áreas por opção pessoal ou por não encontrar mercado de trabalho, juntos, chegam a 28,2%.

Tabela 7: A área profissional dos egressos em relação ao curso de Jornalismo - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Área vinculada diretamente à área como autônomo	14	14,14%
Área vinculada diretamente à área como empregado	44	44,44%
Área vinculada indiretamente à área como autônomo	1	1,01%
Área vinculada indiretamente à área como empregado	6	6,06%
Fora da área da graduação por escolha pessoal	14	14,14%
Fora da área da graduação por não encontrar mercado na área	14	14,14%
Outra	6	6,06%
Total geral	99	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 8: A área profissional dos egressos em relação ao curso de Jornalismo – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.3.2 Tipo de exercício profissional

Quando se analisa a forma de exercício profissional, independente de estar na área de formação ou é possível identificar uma forte tendência de formação de jornalistas pela UEPG para atuação no mercado de trabalho como empregado de empresa, praticamente dois em cada três respondentes (64,6%). Em segundo lugar vem a atuação como autônomo, com 17,2%. Não exerce atividade profissional por opção (10,1%) e está desempregado (8,1%), juntos, chegam a 18,2% do total de respondentes.

Tabela 8: As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Jornalismo - 2011

Opção	(Qt)	(%)
está desempregado	8	8,08%
exerce suas atividades profissionais como empregado	64	64,65%
exerce suas atividades profissionais como autônomo	17	17,17%
não exerce nenhuma atividade profissional por opção	10	10,10%
Total geral	99	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 9: As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Jornalismo – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.3.3 Tipo de atuação profissional

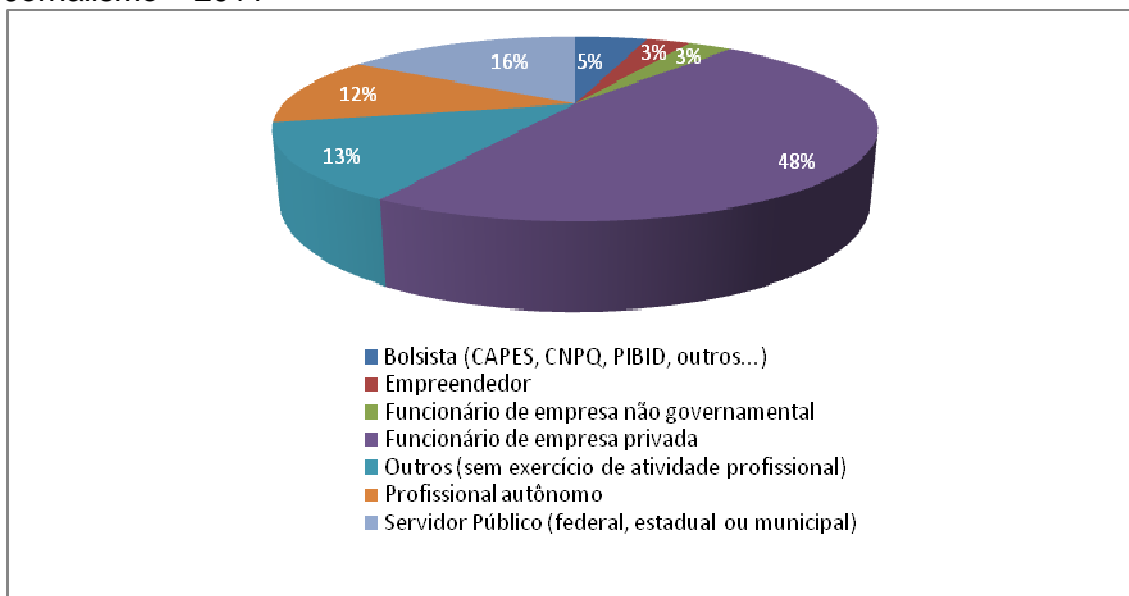
A tabela 9 a seguir reforça a idéia de que os profissionais formados pelo curso de Jornalismo da UEPG tendem a atuar profissionalmente em empresas da iniciativa privada tradicional, principalmente como empregados (47,5%) ou como profissionais autônomos (12,1%). O funcionalismo público é o segundo principal destino de atuação dos profissionais (13,1%). Ressalte-se a baixa presença de jornalistas graduados na UEPG em áreas da chamada nova economia, tais como empresas comunitárias e não governamentais.

Tabela 9: A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Jornalismo - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Bolsista (CAPES, CNPQ, PIBID, outros...)	5	5,05%
Empreendedor	3	3,03%
Funcionário de empresa não governamental	3	3,03%
Funcionário de empresa privada	47	47,47%
Outros (sem exercício de atividade profissional)	13	13,13%
Profissional autônomo	12	12,12%
Servidor Público (federal, estadual ou municipal)	16	16,16%
Total geral	99	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 10: A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Jornalismo – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho

Além de informações sobre o local e forma de atuação, também é importante saber quanto tempo o formado precisou para entrar no mercado de trabalho, ou seja, para entrar no primeiro emprego. A tabela 11 abaixo mostra que no caso de jornalismo da UEPG o período entre a graduação e o início da atividade profissional é relativamente curto. Para 29,3% do total, a entrada foi imediata, enquanto para 32,3% foi no prazo de até seis meses. Juntos, eles somam 61,6% do total de graduados tendo entrado no mercado de trabalho até um semestre depois de graduado.

Dos 99 (noventa e nove) respondentes, cinco afirmaram encontrar emprego em até dois anos após conclusão do Curso de Jornalismo, o que representa 5,05% do total. Entre as justificativas, referem-se ao ingresso em curso de especialização e viagens ao exterior, para aperfeiçoamento de idioma estrangeiro, como inglês. Uma das respostas se refere ao mercado de trabalho “muito fechado”.

São 32 (trinta e dois) aqueles que afirmaram encontrar emprego em até seis meses após conclusão do Curso de Jornalismo, o que representa 32,32% do total. Entre as justificativas, seis respondentes referiram-se ter conseguido o primeiro emprego como freelancer, para posteriormente o contrato de trabalho fixo; um se referiu ter atuado primeiramente como estagiário para posteriormente o contrato

permanente; três disseram ter ingressado em programas de trainee de empresas de comunicação (dois citaram RPC TV e Gazeta do Povo); quatro mencionaram ter conseguido emprego na área de “assessoria de imprensa” e dois em “outras áreas de comunicação”; três disseram ter conseguido o primeiro emprego fora do Estado do Paraná (dois São Paulo e um em Sergipe), quatro mencionaram ter sido em Curitiba, três em Ponta Grossa e cinco no “interior do Paraná”; seis disseram ter começado como repórter de jornal, um como editor de revista, quatro como repórter de TV e um mencionou “webwriter”; e três reclamaram dos salários baixos, como “ainda não ganho o piso salarial (...) no interior do Paraná”, “consegui (...) ganhando muito baixo o piso da categoria, no interior do Paraná” e “além da remuneração baixa, não houve o compromisso de registrar o trabalho em carteira”.

Três mencionaram ter conseguido o primeiro emprego em até três anos após concluído o Curso de Jornalismo, o que representa 3,03% do total. Entre as respostas, mencionaram: “Ainda não tive oportunidade de atuar na área”, “Ainda não estou na área” e residência no exterior para aperfeiçoamento do inglês.

Dos 99 (noventa e nove) respondentes, 11 (onze) mencionaram ter conseguido o primeiro emprego em até um ano, o que representa 11,11% do total. Entre as justificativas, mencionaram a dificuldade de obter emprego na área, como “até o primeiro registro profissional, foram oito meses de espera e vários 'nãos' como resposta”, “Foi muito difícil conseguir a primeira colocação em jornalismo”, “Dificuldade (...) por falta de experiência e também pelo próprio mercado, restrito e com pouca oferta” e “Não fui contratada antes porque exigiam experiência”; e dois mencionaram ingresso em programas de especialização e mestrado.

São 29 (vinte e nove) os egressos que afirmaram ter obtido o primeiro emprego imediatamente, o que representa 29,29% do total. Entre as justificativas, dois mencionaram ter começado como freelancer, quatro através de programas de trainee (um citou a Gazeta do Povo e um o Curso Abril de Jornalismo) e dois como estagiários; um citou ter tido o primeiro emprego em Curitiba, dois em São Paulo e um em Ponta Grossa; três mencionaram ter começado em jornal impresso (dois citaram a Gazeta do Povo), dois em TV e dois em rádio (um citou a CBN). Um mencionou ter começado “na área de marketing”, um em “agência de comunicação” e dois citaram a palavra “jornalista” em referência ao primeiro emprego. As respostas indicaram ainda que oito já atuavam na área antes de formados, como os exemplos a seguir: “antes já realizava alguns trabalhos de produção em uma

emissora de rádio”, “como já estava buscando experiência na área antes mesmo da conclusão do curso, não foi difícil encontrar a primeira oportunidade”, “Eu já estava na CBN e fui contratada automaticamente”, “Já trabalhava antes”, “comecei a trabalhar ainda na graduação, e quando terminei já estava empregado” e “Efetivado no local que era voluntário”. As respostas indicam ainda a permanência na mesma empresa em que obtiveram o primeiro emprego, como a seguir: “comecei na organização em que estou até hoje”, “Três meses após a colação, comecei na empresa em que estou até hoje; “fui estabelecido como prestador de serviço no local onde trabalho” e “Fiquei lá por dez meses”.

Entre o total de respondentes, 19 (dezenove) escolheram a opção “outra situação” em referência à obtenção do primeiro emprego após a conclusão do Curso de Jornalismo, o que representa 19,19% do total. Entre as justificativas, 16 (dezesseis) respostas indicaram que os respondentes nunca atuaram na área de formação, como a seguir: “Nunca trabalhei na área da graduação”, “No momento vou cursar outra faculdade e pretendo seguir carreira em outra área”, “Por enquanto atuo na área de educação”, “Estou cursando Faculdade de Medicina, na Univille”, “não procurei emprego porque já entrei direto no mestrado e consegui financiamento pela Capes”, “Ainda não achei nada que fosse do meu interesse”, “Ainda não atuei na área de formação”, “Não trabalhei na área de formação”, “Comecei a trabalhar ainda cursando [jornalismo], mas fora da área de atuação”, “Não trabalho no momento pelo fato de ter um bebê”, “Não trabalhei exatamente na área”, “Desde o segundo ano de graduação atuo em outra área do campo profissional”, “Entre no mestrado no ano seguinte”; “Fiquei dois anos desesperada e decidi sair do campo de jornalismo e tentar outras áreas”, “Não atuei na área, mas estou fazendo concurso para jornalismo”, “Não atuei profissionalmente na área de formação. Após seis meses de formada comecei a trabalhar no Banco do Brasil como escriturária”.

Entre as mesmas respostas transcritas acima, destaca-se ainda que duas respondentes optaram por fazer mestrado, como “entrei no mestrado direto” e “Em 2010 fiz especialização e 2011 optei pelo mestrado também na parte industrial”. Identifica-se também que, entre as respostas acima, apenas duas indicaram a intenção de tentar empregos na área de formação, como a seguir: “Não atuei na área, mas estou fazendo concursos para jornalismo” e “Passei em um concurso público para assessoria de imprensa, mas ainda não fui chamada”.

Das 19 (dezenove) respondentes que optaram por “outra situação”, três indicaram ter começado a trabalhar na área de jornalismo antes da graduação, com a seguir: “Eu já estava trabalhando enquanto fazia o último ano do curso”, “Início de carreira anterior à diplomação” e “Já havia realizado diversos trabalhos jornalísticos de forma autônoma bem antes de concluir a graduação”.

Discurso referente à resposta até dois anos

Levei em torno de dois anos para conseguir um emprego remunerado na área. Acredito que isso seja devido à mudança de estado e a ida para uma cidade extremamente competitiva (São Paulo) onde é necessário um nível muito alto de qualidade e especificações. Na verdade os primeiros seis meses após a formatura não procurei por oportunidades, tendo começado a buscar emprego efetivamente em agosto de 2007, quando ingressei na especialização. Depois de uns 8 meses procurando emprego e perdendo oportunidades devido ao inglês fui fazer um intercâmbio para estudar a língua. Logo que voltei consegui um emprego na minha área de formação. Porque após a formatura viajei para o exterior. Procurei emprego mais de um ano depois, quando retornei ao Brasil, e consegui em menos de dois meses. Um ano e meio depois. Terminei o curso de Jornalismo em dezembro de 2006. Minha formatura foi em fevereiro de 2007. Em maio de 2007 fui para o Canadá fazer intercâmbio e fiquei um ano estudando inglês. Retornei ao Brasil em maio de 2008 e, em junho de 2008, eu já estava trabalhando na área. Mercado de trabalho na área muito fechado, sem grandes referências pessoais, ficou mais difícil conseguir uma vaga aqui na cidade em que resido atualmente.

Discurso referente à resposta até seis meses

Encerrei a graduação e logo vim para São Paulo. Aqui trabalhei como freelancer por dois meses até ser chamado para exercer o cargo de editor-chefe na Revista UP! Pelas minhas contas pode ser muita coisa: injustiça cósmica, falta de preparo, mercado de trabalho acirrado e, até mesmo, acomodação. Terminei Jornalismo na UEPG em dezembro de 2006. Em março de 2007 comecei a fazer pós-graduação em Curitiba. Através de contatos da pós consegui estágio em assessoria de comunicação em uma empresa de Ponta Grossa. Após 2 meses e meio como estagiária fui contratada. Primeiro emprego foi como assessora de comunicação de um Instituto de Ambiental e este veio após 6 meses da minha formação. Primeiramente comecei um trabalho como webwriter e mídias sociais em março de 2010. Em Junho do mesmo ano passei a atuar no jornalismo dentro da própria empresa. Mas, ainda não ganho o piso salarial, que deveria ser norma, mas não é no interior do Estado. Em janeiro de 2008, um mês após a conclusão do curso, comecei a atuar como repórter e produtora de TV. Um mês para ser exata. Procurei empregos não só na área específica de jornalismo, mas em comunicação. Acho que isso facilitou. Passei a trabalhar em uma TV a cabo local cinco meses depois de formado, mas também por ter feito curso próprio para edição de imagens.

Depois da minha conclusão do curso, por opção, fiquei dois meses viajando, sem procurar emprego. Depois, demorei aproximadamente cinco meses para começar a trabalhar.

O meu primeiro trabalho na área de jornalismo foi como produtora de um programa de televisão em emissora a cabo. Entretanto, não foi possível continuar, pois além da remuneração baixa, não houve o compromisso de registrar o trabalho em carteira.

Eu consegui emprego 4 meses e meio após ao término da graduação em Jornalismo. Nesse tempo fiquei apenas enviando e entregando currículos para atuar na área da comunicação.

Consegui emprego como freelancer em redação de jornal (estado de Sergipe) cerca de dois meses após o término do curso. Na mesma época, trabalhei como autônoma na Assessoria de Comunicação do Conselho Regional de Serviço Social (Sergipe). Emprego com carteira assinada, somente depois de um ano de formação.

Comecei a trabalhar na área no começo do ano seguinte.

Fui selecionado para um programa de trainee assim que saí da faculdade e fui efetivado na empresa 4 meses depois da formatura.

O primeiro trabalho na área foi em até 6 meses, porém não foi uma vaga efetiva e sim um trabalho freelancer.

Fui contratado por um pequeno jornal do interior quatro meses após a conclusão do curso.

Terminamos o curso de graduação em dezembro de 2008 e em fevereiro comecei a trabalhar em fevereiro do ano seguinte, em um jornal do interior do Paraná, na cidade de Imbituva. Não comecei a trabalhar antes porque antes disso estive em um Congresso de Comunicação, na cidade de Salvador (BA). Assim que cheguei - mesmo com pouca experiência - fui contrata pelo diretor responsável e trabalhei até a metade daquele ano, quando me mudei para Curitiba - para fazer o curso de fotografia. Assim, me tornei autônoma na área de comunicação.

Foi bem no ano da crise mundial. Falta de oportunidades.

Eu consegui um trabalho freelancer em Maringá três meses após concluir a graduação. Infelizmente, não fui efetivada. Minhas experiências não foram boas no Paraná, mandei currículo para todas as cidades de médio porte e resolvi me mudar para São Paulo para encontrar emprego na área. No primeiro mês aqui, encontrei trabalho em assessoria de imprensa e depois mudei para a área editorial, que era meu objetivo desde o começo.

Consegui um teste para o Jornal Diário de Guarapuava em final de março de 2007 e fui contratado em início de abril, ou seja, quatro meses após a conclusão do curso. Mas admito que foi uma chance esporádica (quase única) que consegui "agarrar", pois o jornal voltou a contratar jornalistas formados apenas um ano e meio depois, mais ou menos. Em outubro do mesmo ano passei a trabalhar como freelancer de uma revista, em língua alemã.

Fiquei parada, em busca de uma vaga de trabalho no campo de formação, nessa espera me inscrevi para alguns concursos, um deles passei e é o trabalho que exerço agora.

Durante esse período participei de trainee da RPC TV e em seguida, consegui emprego.

Consegui emprego em uma empresa bem pequena, ganhando muito abaixo do piso da categoria, no interior do Paraná.

Na capital, o mercado de trabalho se mostrou mais duro e passei até seis meses procurando emprego.

Pouco depois da conclusão do curso consegui o emprego.

Concluí o curso em dezembro de 2009 e comecei a trabalhar em abril de 2010 por não ter conseguido emprego nesse período de quatro meses. Fui contratada pelo processo seletivo da Nutead, da UEPG. Comecei a atuação na área em empresa de assessoria de imprensa, seis meses após ter concluído a graduação. Dois meses após o fim das aulas fui selecionado no Trainee do Grupo Paranaense de Comunicação. Após o fim do trainee, fui contratado na Gazeta do Povo. Não há muito que questionar ou justificar. Eu arrumei um emprego logo que sai da universidade na área em que me formei. Existem vagas para profissionais da comunicação, no entanto, são contratos que, muitas vezes, desvalorizam a profissão. Assim que me formei entrei no mestrado em Ciência Política, na UFPR, na qual fui bolsista Capes depois de seis meses do início do mestrado até o final do mesmo.

Discurso referente à resposta até três anos

Ainda não estou na área, apenas desenvolvo projetos isolados para a empresa. Ainda não tive oportunidade de atuar na área. Após a conclusão do curso de graduação, permaneci 16 meses no Reino Unido para aperfeiçoamento do inglês. No retorno ao Brasil, durante alguns meses dediquei-me integralmente aos estudos para concurso público e aguardei algum tempo pela posse após a aprovação.

Discurso referente à resposta até um ano

Questões pessoais adiaram a primeira atuação como jornalista. Consegui emprego como editor de vídeo no curso de jornalismo de uma instituição privada. Da conclusão do curso até o primeiro registro profissional, foram oito meses de espera e vários 'nãos' como resposta em entrevistas. Ainda fiz um concurso público para a TV Educativa, durante este período, mas não havia como concorrer com aqueles que já possuíam experiência e titulação, que contavam muitos pontos além das provas teórica e prática. Também durante esse período acabei trabalhando em regime freelancer para outra área. Ainda não fui empregado. Foi muito difícil conseguir a primeira colocação em jornalismo. Como na época do curso era proibido fazer estágio, a experiência que tinha apenas em projetos de extensão não pareceu ser suficiente para as empresas. O primeiro emprego só veio com o projeto Universidade Sem Fronteiras, do governo do Paraná, que justamente procurava dar a oportunidade de primeiro emprego para recém-formados. Formei em fevereiro de 2007. Em janeiro de 2008 comecei a receber bolsa Capes no Mestrado em Jornalismo (até agosto de 2009); em agosto de 2009 comecei a trabalhar em um jornal até fevereiro de 2010; em março de 2010 comecei a dar aulas como professor substituto na graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, cargo em que permaneço até hoje. Inicialmente tinha outros planos e não busquei muito emprego na área. Quando comecei a procurar, demorou uns quatro meses até conseguir algo. Dificuldade de encontrar abertura nas empresas por falta de experiência e também pelo próprio mercado, restrito e com pouca oferta.

Durante seis meses fui trainee (sem remuneração) da empresa que dois meses depois de concluído o período de treinamento, me contratou. Comecei a trabalhar com clipping, área do jornalismo, durante a especialização. Não fui contratada antes porque exigiam experiência. Atuando com free lancer.

Discurso referente à resposta imediatamente

Logo após as (merecidas) férias depois da graduação, comecei a atuar na organização em que estou até hoje. Trainee.

Terminei o curso e comecei a atuar no início de janeiro como estagiária na Gazeta do Povo, em Curitiba, pelo período de um mês. Em fevereiro, passei a atuar como repórter freelancer na cobertura de férias de reportagem na sucursal do mesmo jornal, mas em Ponta Grossa, por 15 dias. Em seguida, voltei a Curitiba e passei a atuar como freelancer, atividade que interrompi para trabalhar como repórter efetiva em uma revista. Os outros cargos que tive nas demais empresas ocorreram todos na sequência (fui trainee e hoje sou repórter em jornal diário).

Saí do curso de Jornalismo já como aluna do Curso Abril de Jornalismo e, em seguida, já fiquei empregada na Editora, como repórter.

Na mesma semana do término das aulas fiz uma entrevista e fui aprovada para atuar como bolsista do Programa Universidade Sem Fronteiras, do Governo do Estado. Atividade remunerada, mas sem registro em carteira.

Comecei a trabalhar na área de comunicação logo após a conclusão do curso.

Logo após o término das aulas, já estava empregado. Primeiro, em algo não muito interessante. Três meses após a colação, comecei na empresa em que estou até hoje.

Colamos grau em fevereiro de 2007 e em abril do mesmo ano, como jornalista diplomada, comecei a trabalhar em uma TV local (Ponta Grossa).

Quando estava defendendo meu Trabalho de Conclusão de Curso já estava empregado há uma semana.

Fiz um curso de treinamento para trabalhar num jornal estadual. A seleção para o curso não foi das mais fáceis e eliminou mais de 1000 jornalistas formados ou graduandos de todo o Brasil. As etapas seletivas desse processo exigiram de mim muitos conhecimentos que adquiri diretamente através do curso. Logo após o término do curso passei a atuar como autônomo dedicando-me para esse mesmo veículo de comunicação.

Comecei estagiando, e fui estabelecido como prestador de serviços no local onde trabalho.

Depois de 15 dias de formada, consegui um emprego na área de marketing em uma empresa de São Paulo.

Terminei o curso em dezembro de 2007 e antes já realizava alguns trabalhos de produção em uma emissora de rádio, onde fui contratada como repórter.

Como eu já estava buscando experiência na área antes mesmo da conclusão do curso, não foi difícil encontrar a primeira oportunidade. O meu trabalho de conclusão de curso também foi um ótimo cartão de visitas.

Um dia após a defesa da monografia, iniciei a carreira profissional no jornal Gazeta do Povo.

Saí da universidade e, tão logo, consegui meus primeiros trabalhos.

Eu já estagiava na CBN e fui contratada automaticamente. Em seguida, fui contratada pela TV. Portanto, quando terminei o curso já estava trabalhando e entrei na TV dois meses depois, poucos dias após a colação.

Comecei a trabalhar em janeiro, logo depois da formatura, em uma agência de comunicação.

O curso acabou em dezembro e em janeiro eu já estava empregada na Prefeitura da minha cidade por ter feito contatos durante a graduação.

Já trabalhava antes.

Antes mesmo de concluir já estava empregado.

Não fiquei desempregada, pois logo ao concluir minha graduação já estava empregada na área.

Eu comecei a trabalhar ainda na graduação, e quando terminei já estava empregado. Efetivado no local que era voluntário.

Minha colação de grau aconteceu no final do mês de março, mas no final do mês de fevereiro deste ano eu já estava empregada.

Imediatamente após o término da graduação passei a atuar como jornalista freelancer, mas apenas dois anos depois consegui meu primeiro emprego registrado na área.

A universidade oportunizou a vaga de emprego. Cinco dias depois da minha formatura comecei no meio primeiro emprego como jornalista. Foi um desafio grande, mas que valeu muito a pena.

Fiquei lá por 10 meses.

Colei grau no dia 24 de março e fui registrada dia 5 de abril.

Discurso referente à resposta outra situação

Eu já estava trabalhando enquanto fazia o último ano do curso.

Nunca trabalhei na área da graduação. No momento vou cursar outra faculdade e pretendo seguir carreira em outra área.

Passei em um concurso público para assessoria de imprensa, mas ainda não fui chamada. Por enquanto atuo na área da educação!

Estou cursando a Faculdade de Medicina, na Univille, em Joinville

Eu não procurei emprego porque já entrei direto no mestrado e consegui financiamento pela CAPES.

Ainda não achei nada que fosse do meu interesse. Ainda não atuei na área de formação. Não trabalhei na área de formação. Após um ano da conclusão do Curso de Graduação passei no concurso do IBGE para trabalhar no Censo Demográfico 2010 como Agente Censitário Administrativo.

Comecei a trabalhar ainda cursando, mas fora da área de atuação.

Início de carreira anterior à diplomação. Na metade do curso, na área de Comunicação, atuando em agências de publicidade, como empregado e também como autônomo. Em seguida, partindo diretamente para o jornalismo, em assessoria de imprensa e também diretamente em jornais diários, como empregados, concomitantemente ao término da formação acadêmica.

Não trabalho no momento devido ao fato de ter uma bebê recém nascida.

Já havia realizado diversos trabalhos jornalísticos de forma autônoma bem antes de concluir a graduação.

Não trabalhei exatamente na área. Desde o 2º ano de graduação atuo em outra área do campo profissional.

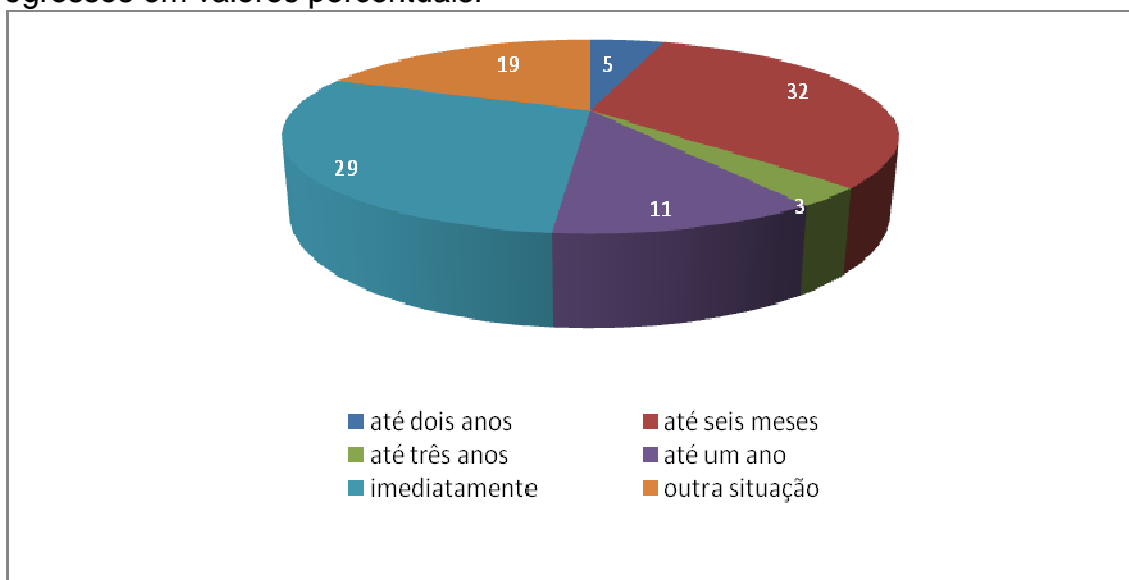
Entre diretamente no mestrado no ano seguinte.

Me formei em 2007 fiquei dois anos desempregada e decidi sair do campo de jornalismo e tentar outras áreas. Em 2010 fiz especialização e 2011 optei pelo mestrado também na parte industrial.

Não atuei na área, mas estou fazendo concursos para jornalismo.

não atuei profissionalmente na área de formação. Após seis meses de formada comecei a trabalhar no Banco do Brasil como escriturária.

Gráfico 11: Tempo decorrido entre a conclusão do Curso de Graduação e o primeiro emprego ou atuação como autônomo na área de formação dos egressos em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

Os ex-alunos também fizeram uma avaliação sobre as maiores dificuldades que encontraram no momento da entrada no mercado de trabalho em relação à formação que receberam na universidade. No caso dos jornalistas formados pela UEPG, 36,3% apontam para a inexperience profissional, que de maneira indireta tem relação à baixa relação que existe entre universidade e mercado de trabalho, no caso de jornalismo, por restrições legais. Em segundo lugar, com menos da metade das citações do anterior, está remuneração abaixo do piso da categoria (16,1%). Aparecem empatados em terceiro lugar, com 11,1% de citações cada uma, as duas primeiras dificuldades relacionadas diretamente à formação universitária: defasagem tecnológica da UEPG e distanciamento da formação em relação às necessidades do mercado (tabela 12).

Tabela 12 – Qual foi a principal dificuldade enfrentada por você no mercado de trabalho em relação à formação recebida no seu curso de graduação?

Opção	(Qt)	(%)
A relação teoria-prática	7	7,1
Defasagem tecnológica da UEPG	11	11,1
Defasagem teórico-metodológica do currículo	3	3,1
Distanciamento da formação às necessidades do mercado	11	11,1
Remuneração abaixo do piso da categoria	16	16,1
Inexperiência profissional	36	36,3
Competitividade no mercado de trabalho	8	8,1
Outra	7	7,1
Total geral	99	100,0

Fonte: CPA/UEPG

2.4 Qualificação Pós-Graduação

Sobre a formação posterior à graduação, o questionário indica a formação em nível de especialização, mestrado e doutorado. A pesquisa demonstra que a busca pela pós-graduação e possível continuidade na carreira acadêmica não é prioridade entre os formados em jornalismo pela UEPG. Apenas 38,1% já concluiu um curso especialização e outros 14,3% estão com o curso em andamento. Quanto ao mestrado, 88,6% não iniciou, 4,3% está com mestrado em andamento e 7,1% já concluiu. Por consequência, a situação do doutorado é de apenas um formado com curso em andamento.

2.4.1 Especialização

Dos egressos pesquisados observa-se que 40 (quarenta) já fizeram ou fazem especialização, ou seja, 46.5% do total. Constatou-se que 19 (dezenove) já concluíram, 18 (dezoito) estão em andamento, 3 (três) trancaram ou desistiram do curso. Do total de alunos que fizeram especialização, 6 (seis) fizeram ou fazem mais de um curso. Dos cursos feitos 19 (dezenove) foram realizados em escola pública e 27 (vinte e sete) em escola particular.

2.4.2 Mestrado

Nove alunos fizeram ou fazem mestrado, ou seja, 12,5%. Destes, 3 (três) já concluíram e 6 (seis) estão em desenvolvimento. Todos fizeram ou estão fazendo em escola pública. Do total, seis fazem fora da área e três na área. Observou-se também na pesquisa que 5 (cinco) profissionais demonstram, pelas respostas ao questionário, que têm interesse em fazer Mestrado.

2.4.3 Doutorado

Do total pesquisado, apenas um afirmou estar fazendo Doutorado, ou seja, 1,449% do total. Doutorado em Sociologia Política, curso fora da área. O egresso não revelou a instituição. O curso teve início em março de 2011. Quatro alunos demonstraram interesse em fazer doutorado futuramente.

3 Considerações Finais

3.1 Colegiado de Curso

A proposta de oferecer um curso de Jornalismo que promova uma formação que não só atenda às demandas de mercado, mas que também promova uma reflexão sobre a realidade social sob a perspectiva da comunicação no seu viés jornalístico ainda é a meta do corpo docente que é responsável pela formação dos jornalistas graduados pela UEPG.

O curso de Jornalismo da UEPG ultrapassou duas décadas e meia e já graduou cerca de 700 jornalistas. Ao avaliarmos alguns aspectos que envolvem a formação profissional e identificamos a forma de atuação destes profissionais no mercado de trabalho nos últimos 5 anos encontramos muitos elementos que poderão ser analisados de forma pormenorizada e que contribuirão para tomada de decisões tanto dos gestores do curso como da instituição.

Ao analisar as respostas dadas pelos egressos do período de 2006 a 2010 percebemos que existem dois focos com relação à grade curricular. Alguns problemas apresentados pelos egressos dizem respeito ao currículo 5 como falta de algumas disciplinas e ou conteúdos, pois aqueles que se graduaram no período de

2006 a 2008 tiveram uma formação curricular diferenciada daqueles que graduaram nos anos seguintes. Os problemas estruturais (precariedade de equipamentos e laboratórios) apareceram mesmo na avaliação positiva. No entanto, foram minimizados quando se analisava a preocupação do corpo docente e discente em buscar alternativas para trabalhar conceitos e técnicas em Jornalismo.

Dessa forma, superar os 80% somando-se os conceitos bom e excelente no quesito avaliação da formação profissional é muito gratificante, mas também demonstra que é preciso estar em sintonia com as tendências dos vários espaços midiáticos que estão em constante e acelerado processo de transformação frente às novas tecnologias. Os alunos buscam uma efetiva interação entre a teoria e a prática e o nosso compromisso é fornecer uma adequada formação pautada nos valores éticos e humanísticos que a profissão exige.

O fato de os egressos do curso de Jornalismo da UEPG encontrarem uma colocação profissional em um período relativamente curto demonstra que a instituição está consolidada e é uma referência na formação de bons jornalistas.

O processo de avaliação deve ser constante e rotineiro, pois somente com respostas sobre a atuação do corpo docente a partir de um projeto pedagógico é que conseguimos visualizar os reflexos da formação dos profissionais do curso de Jornalismo da UEPG. Portanto, esta é apenas uma primeira etapa, um diagnóstico multifacetado que pode e deve ser explorado para um investimento ainda maior na formação dos novos jornalistas.

Os diferentes processos avaliativos que o curso se submete demonstram que estamos no caminho certo, mas que ainda temos o que fazer.

3.2 Comissão Própria de Avaliação

Sendo inerente às instituições de ensino superior a formação de indivíduos éticos, críticos e criativos, e aptos para o exercício profissional, a promoção do diálogo permanente com os egressos de seus cursos torna-se essencial para que a ela retornem informações sobre a qualidade da formação recebida, tanto curricular quanto ética, a inserção no mercado de trabalho, a satisfação profissional, a relação entre a ocupação e a formação profissional, além da continuidade da formação em cursos de atualização e de pós-graduação.

Dentre as diferentes possibilidades de avaliação institucional registra-se a de averiguar a opinião dos egressos dos cursos de graduação, quando já exercendo

atividades profissionais, pois ela é uma das dimensões proposta pelo SINAES (9ª Dimensão).

O *feedback* dos egressos em relação ao ensino ofertado pela instituição é necessário para a proposição das mudanças nos currículos, nos processos de ensino-aprendizagem, na gestão universitária e para averiguar a trajetória profissional e acadêmica após a conclusão do curso. Nesse sentido, o egresso do curso de graduação pode constituir-se como um indicador de avaliação institucional e uma referência para avaliação da qualidade acadêmica da instituição formadora.

O processo de avaliação de egressos desencadeado na UEPG pautou-se nesses princípios, ou seja, considerou que a realidade profissional vivenciada pelos ex-alunos constitui-se como um indicador substantivo da qualidade acadêmica, evidenciando as potencialidades e fragilidades do currículo desenvolvido no processo de formação.

O desafio de construí-lo numa perspectiva crítica apontou que, para além de uma fundamentação teórica de avaliação institucional foi necessário desenvolvê-la numa postura dialógica e democrática considerando os múltiplos fatores que a interseccionam: socioculturais, científicos e pedagógicos.

Os resultados obtidos na avaliação de egressos dos cursos de graduação da UEPG podem contribuir para avanços reais, se os gestores acadêmicos consideram a riqueza de informações, significados e perspectivas desveladas pelos ex-alunos.

3.2.1 Parecer da Comissão Própria de Avaliação

A avaliação de currículo se constitui em uma das dimensões mais importantes da avaliação institucional, uma vez que a missão, a filosofia, as expectativas das instituições de ensino superior se efetivam ou não na atividade fim da educação que se dá na sala de aula, entre professores e alunos.

A avaliação de currículo possibilita o conhecimento de questões relativas ao desempenho de professores, as condições do ambiente físico, da infraestrutura, da tecnologia, entre outras que estão imbricadas ao desenvolvimento curricular. Elementos que não podem e não devem ser ignorados na busca da compreensão das situações em pauta na avaliação do currículo.

É essa riqueza e complexidade dos processos avaliativos que oportunizam a aprendizagem do diálogo, da ação, da reflexão sobre as ocorrências vividas

movimentando a prática e construindo pressupostos teóricos de ação (CAPPELLETTI, 2010).

É nessa perspectiva que as experiências de avaliação vivenciadas pelos colegiados de curso têm oportunizado vivências de situações pelos seus membros que desafiam e que, em determinados momentos, faz-se necessário recuar para poder avançar, conceder para poder ganhar, ouvir muito para poder serem escutados, enfim desenvolver habilidades de negociação. Tudo isso porque nem sempre avaliamos cursos em que os participantes possuem uma mesma concepção de mundo, de educação, de avaliação, o que cria um confronto de natureza teórica, com a qual temos que saber lidar, buscando caminhos alternativos que viabilizem as reformulações curriculares e a implantação/implementação dos projetos pedagógicos dos cursos - PPCs, tendo em vista a superação das dificuldades e dos problemas encontrados.

Na leitura e análise do relatório observa-se:

- A positividade das respostas dadas pelos sujeitos (egressos) às questões da avaliação referentes à expectativa em relação ao curso que foram atendidas (29,29%) e superadas (17,17%) ao conceito “boa” e “excelente” à aplicabilidade da formação recebida na vida profissional (71%) e (10%) respectivamente.
- A necessidade do Colegiado propor discussões e questionamentos no âmbito do curso que venham problematizar os dados levantados na avaliação, principalmente aqueles relativos aos egressos que declararam ter suas expectativas iniciais em relação do curso parcialmente atendidas (46,46%); aos (17%) que consideraram regular a aplicabilidade da formação recebida na vida profissional; aos (11,1%) que consideraram como principal dificuldade enfrentada no mercado de trabalho a defasagem tecnológica da UEPG.

Sugere-se que os dados da avaliação de egressos sejam analisados e confrontados, além dos dados da Autoavaliação de Cursos, realizada em 2009, conforme já mencionado no relatório do Colegiado de Curso, com a avaliação do curso realizada pelo SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) por meio do Enade.

4 Referências

BELLONI, Isaura et. all. **Metodologia de avaliação em políticas públicas: uma experiência em educação profissional**. São Paulo: Cortez, 2000.

